

se tê-lo-iam levado a encarar honestamente o assunto e, lizamente confessando seu equívoco, teria encarregado a direcção da casa de fazer aquela revisão em sua obra que, há já cerca de sessenta anos, a influência roustainguista em vão tentou executar, para adaptá-la aos interesses roustainguistas, tanto vale dizer, para entregar a direcção espiritual da doutrina ao anticristo.

E' por tudo isto que continuamos pensando que a Verdade está na Bíblia e que os espíritas precisam aí encontrá-la; que as palavras do Cristo não passarão e, por isso, não lhe cairão nem um til nem um iota: finalmente, que o roustainguismo é um equívoco, que precisa ser destruído quanto antes.

IV

NO PRIMEIRO artigo fizemos considerações gerais sobre o livro do Sr. Ismael Gomes Braga — ELOS DOUTRINÁRIOS — no qual s. s. tem o objectivo principal de convencer os leitores de que:

- a) Roustaing foi um missionário auxiliar junto a Kardec, com a tarefa específica de organizar o trabalho da fé;
- b) que Kardec não combateu a teoria de Roustaing;
- c) que, posteriormente, como Espírito, a apoia;
- d) que Jesus Cristo não foi homem;
- e) que a obra exclusiva da Sra. Collignon tem hoje carácter de universalidade, porque foi confirmada através de três médiuns.

No segundo artigo refutámos o primeiro dos dez itens em que dividíramos o assunto, a saber: I — que a missão de Kardec foi notavelmente auxiliada pelo Sr. Roustaing, "encarregado de organizar o trabalho da fé, dando confirmação às Revelações anteriores".

No terceiro refutámos, com abundância de argumentos, duas teses, a saber :II — que a obra

exclusiva de Sra. Collignon tem hoje caráter de universalidade, porque os Espíritos a confirmaram através de três médiums: Zilda Gama, América Delgado e Francisco Cândido Xavier; e III — que Allan Kardec não combateu a teoria do corpo fluídico de Jesus: apenas a pôs de quarentena; posteriormente como Espírito, a apoia.

Hoje consideraremos as seguintes: IV — que Jesus Cristo não era homem, mas um agênero; VII — que "se não fosse confirmada a natureza excepcional do corpo fluídico de Jesus pelo Espiritismo, as duas Revelações anteriores teriam que cair e o Espiritismo não subsistiria; e X — que quem nega que Jesus tenha sido um agênero nega também a codificação kardeciana, não é espírita.

Antes, porém, de entrarmos na análise destas três teses, seja-nos lícito fazer algumas considerações tendentes a dar a compreender a nossa atitude e, do mesmo passo, atenuar os temores de alguns confrades muito tibios, que julgam que estamos fazendo escândalo.

Tais confrades têm um modo singular de entender a função evangelizadora: acham que não se devem atacar os erros, pois isto seria, a seu ver, uma prova de intolerância; mas não ra-

ciocinam que, com o silêncio, estão endossando os mesmos erros; não pensam que as altas fontes que despejam ensinos errados estão desvianto criaturas do bom caminho; temem ofender aos "amigos" que confundem as próprias ideias, cônvições e interesses com a Verdade e não temem ofender ao Mestre, que não se zanga e nem protesta, e cujo nome vive em suas bocas, mas cuja doutrina nem lhes encheu o cérebro nem lhes melhorou o coração.

Particularmente para os Espíritas o que mais deve interessar é aquilo que repercuta no Espírito, que é eterno. Então nesta questão de falsificar versículos da Bíblia e adulterar as obras de Kardec, pode não haver escândalo para os Espíritos revestidos na matéria e mais preocupados com as exterioridades, com as aparências e com os proventos materiais e a importância das posições que ocupam, do que propriamente com a aquisição de conhecimentos e com a sua utilização, no sentido de se melhorarem e ajudarem os seus semelhantes e se melhorarem. Mas do outro lado, no plano espiritual, o escândalo rola há muitos anos.

Fosse alguém tentar discutir os mesmos pontos que estamos discutindo intra muros, nas salas da Avenida Passos, e seria convidado a no tocar no assunto, que é questão fechada; fosse uma

sociedade adesa à Federação Espírita Brasileira abordar a matéria em família, talvez acabasse expulsa, como foi o caso da Federação Gaúcha — por algo menos que isso.

Os roustainguistas não querem a discussão, porque o roustainguismo é uma fascinação, é uma obsessão colectiva, como obra do anticristo, que é. Por outro lado, a grande maioria dos dirigentes espíritas kardecistas ou ante-roustainguistas — perdóem-nos que lhes digamos — lêem bastante, mas não fizeram da doutrina um estudo sistemático, fichado, arrumado: parece que ignoram que ainda há muita coisa de Kardec que é desconhecida em nossa língua; que certos temas, esflorados por ele, indicam que tinha em mente obras outras que sua moléstia não permitiu concluir, ou esboçar. E até hoje — salvo os seus contemporâneos Flammarion, Léon Denis e Delanne e, sob certo aspecto, Bozzano — não surgiu um Espírita que estivesse à altura da tarefa de continuador, para a qual é necessário um perfeito conhecimento da obra do Codificador e um conhecimento igual, senão maior, da Bíblia, como elemento imprescindível ao completo desenvolvimento da parte moral da doutrina, enfim para fazer, segundo a expressão feliz de Osvaldo Melo, *não Evangelho segundo o Espiritismo, mas Espiritismo segundo o Evangelho*.

Ora, os digirentes da F.E.B. não estão compreendendo a responsabilidade que lhes pesa sobre os ombros. Parece que ignoram que o Espiritismo não foi codificado para se converter numa religião — o que fora desconhecer a origem e a função das religiões no seu aspecto social — nem, muito menos ainda, para combater as religiões existentes, mas para dar elementos científicos, filosóficos e morais que despertem a fé nos incrédulos e a fortaleça nos que a têm tibia e vacilante, nos que a têm apoucada. Esses nossos estimáveis confrades que vivem, assim, temerosos do escândalo, estão ajudando o maior escândalo dentro das hostes espíritas nacionais, pois é indiscutivelmente no Brasil que o Espiritismo tem tido o maior desenvolvimento na sua feição moral, quase diríamos religiosa, posto que aquilo que tem ganho em extensão, tenha perdido em profundidade.

A esses espíritas queremos lembrar o significado de escândalo. Assim o define o grande dicionário de Laudelino Freire: "ESCÂNDALO. S.M. Lat. *Scandalum*. Ocasião de erro ou pecado, especialmente quando produzida pelo mau exemplo. 2 — Aquilo que pode induzir em erro ou pecado. 3 — Indignação suscitada por ação ou palavra indecorosa. 4 — Ofensa, injúria. 5 — Pessoa ou cousa que escandaliza. 6 — Alvoroc,"

tumulto ou agitação a que dá causa um facto repreensível."

Diante disso, escândalo é a deformação de textos bíblicos, para servir a restauração de uma heresia velha de dezenove séculos, já combatida por alguns dos apóstolos de Jesus Cristo, principalmente por S. João.

Como querem agora esses Espíritas, que se dizem seguidores da doutrina do Cristo, que pretendem conhecer os Evangelhos, que a eles fazem referências em artigos de jornais e em discursos nas suas sociedades, que se faça vista grossa "*àquilo que pode induzir em erro*", como não sentem "*ofensa, injúria, coisa que escandaliza*" nessa liberdade que os roustainguistas estão tomando de falsificar um livro respeitabilíssimo como é a Bíblia, de adulterar o pensamento e a palavra escrita de Allan Kardec, de aceitar instrução de Espíritos mistificadores, que tomam o nome dos Apóstolos, dos Evangelistas e do Codificador, para sustentarem uma tese que este combateu vivamente, e que não pode ser aceita por quem tenha sólida cultura evangélica?

Concordem que o escândalo não é nosso. Lembrem-se de que também houve quem se escandalizasse com os ensinos de Jesus Cristo. Mas

recordem as palavras do Narazareno em relação aos que viam escândalo no que dizia.

* * *

Os dias que estamos vivendo mostram que a humanidade tende para uma fé raciocinada. E' a incompreensão desse aspecto do problema religioso o que produz o despovoamento das religiões dogmatizadoras e ritualísticas e o aconditamento de seus sacerdotes, principalmente na Igreja Católica, contra a doutrina espírita.

E' de lembrar que o Espiritismo brotou nos meios Protestantes os quais, indiscutivelmente — apesar das reservas que lhe fazemos — estabeleceram um padrão de moralidade pessoal e religiosa que não pede meças nem aos Católicos, nem aos Espíritas. Nota-se ainda que o estudo sistemático da Bíblia, aliado à observação, ao estudo e à análise dos factos, está levando algumas denominações protestantes a se aproximarem do Espiritismo, prenunciando um entendimento e, quiçá, uma fusão em próximo futuro. E tal fenômeno não é ainda mais acentuado porque, de um modo geral, os Espíritas revelam um lamentável desconhecimento da Bíblia.

O trabalho do clero católico — posto algumas confrarias já se dêem ao estudo experimen-

tal do Espiritismo — é no sentido de sua destruição. E nós sabemos, pelo conhecimento experimental, pelo lado prático, que os Espíritos levam para o outro plano da vida as ideias, os cacoëtes e as idiosincrasias que os caracterizavam como homens. Não é, pois, de admirar que os Espíritos de padres católicos estejam empenhados nessa obra de mistificação e de desconhecimento da doutrina, para o que está correndo grandemente a teoria de Roustaing e a orientação prática que os magnatas do roustanguismo estão imprimindo nos espíritos mais ou menos simplórios, que ainda mantém um respeito religioso pela antiga Casa de Ismael, hoje transformada em Sinagoga de Satã, como se deprende dos dispositivos de seus estatutos, que barram os kardecistas na participação de sua directoria e exigem a confissão expressa do credo roustanguista.

Os espíritas observadores têm encontrado inúmeras criaturas obsidiadas por Espíritos e, até, por falanges, de padres católicos; jámais as encontramos dominadas por Espíritos vindos dos meios protestantes. E porque? Porque em vida tais Espíritos aprenderam a letra da Bíblia e souberam, ao menos, viver dentro da lei, embora não tenham penetrado todo o conteúdo espiritual que as suas letras encerram.

Ainda agora, uma das figuras mais respeitáveis que conhecemos, o Reverendo Othoniel Motta, pastor protestante, notável filólogo, espírito boníssimo e carácter adamantino, em artigo publicado na revista UNITAS, de Julho de 1948, diz o seguinte, que transcrevemos, data vénia:

“Diante disso, que disse eu? Disse que, se amanhã me provassem que, de facto, os desencarnados podem manifestar-se e pôr-se em contacto com os encarnados, a minha religião não sofreria com isso coisa alguma. Meu Salvador continuaria a ser o mesmo, ainda que um anjo do Céu me viesse dizer o contrário”.

“Disse, mais, que estando a questão no pé em que no-la deixaram homens como Richet e Flournoy, é imprudência, com ideias preconcebidas, afirmar que o espiritismo não passa de fraude ou satanismo. Se amanhã se provar que um desencarnado se comunica, sem a menor dúvida, com este mundo, a Igreja sofrerá muitíssimo no seu prestígio, assumindo agora uma atitude negativa e intolerante, como aconteceu no caso de Galileu, que lhe foi, é e será um espinho atravessado na garganta”.

“Isso disse e continuo a dizer”.

“Ora bem. A imprensa publicou há pouco um telegrama de Londres, que me deixou sur-

preso e que morreu no silêncio, quando eu esperava certo rebolico. Até agora estou esperando um pouco mais de luzes sobre o laconismo daquela notícia".

"Resumidamente, dizia o telegrama que, pela primeira vez, havia sido publicado o texto em que a Igreja reconhece que desencarnados possam ser agentes nos fenómenos psíquicos. Mais ou menos isto. Não dizia qual era a Igreja, mas quando à palavra Igreja, mormente em nosso meio, não se ajunta nenhum adjetivo, subentende-se que se trata da Igreja Romana. Como porém, o telegrama vinha de Londres, é possível que se trate da Anglicana".

"Seja como for, essa notícia me satisfez, porque revela, segundo penso, uma sensata mudança de atitude numa corporação respeitável, que dessa forma, sem se comprometer com as doutrinas do espiritismo, esconde o flanco aos dardos que lhe viriam implacáveis, se acaso ficasse um dia provado o que os espiritistas afirmam".

"E se querem saber todo o meu pensamento, direi que saudaria com efusão de alma o dia em que ficasse provado que a sobrevivência dos mortos é um facto de todo em todo incontestável. A apologética cristã, nesse dia, receberia, é claro, um poder tremendo para confusão da incredulidade. Num mundo cada vez mais céptico e gros-

seiramente materialista e ateu essa revelação seria água fria na fervura".

Os Espíritas não se estarão preparando para os tempos que se aproximam, se não souberem superar suas próprias debilidades internas, assim individuais como colectivas, e das quais a maior é, por sem dúvida, a falta de conhecimento e consequente prática do Evangelho, para o que contribui a heresia docetista, hoje ressuscitada com o nome de roustainguismo.

• • •

Mas vamos às teses.

Diz a quarta *que Jesus não era homem, mas um simples agênero*.

Responderemos com a Bíblia. Assim lemos na chamada Bíblia da Bahia, a que nos reportamos no primeiro artigo:

— "E o Verbo se fez carne, e habitou entre nós; e nós vimos a sua gloria, a sua gloria como Filho unigenito do Pai, cheio de graça e de verdade". João, 1: 14;

— "E visivelmente é grande o sacramento da piedade, com que Deos se manifestou em carne, foi justificado pelo espirito, foi visto dos anjos, tem sido pregado aos gentios, crido no mundo, recebido na gloria". 1 Tim. 3: 16;

— “Porque também Christo uma vez morreu pelos nossos pecados, o justo pelos injustos, para nos oferecer a Deos, sendo sim morto na carne, mas resuscitado pelo Espírito”. I Ped. 3: 18;

— “Havendo pois Christo padecido na carne, armai-vos também vós-outros d'esta mesma consideração: que aquele que padece na carne cessou de peccados”. I Ped. 4: 1;

— “Nisto se conhece o espírito que é de Deos: todo o espírito que confessa que Jesus Christo veio em carne é de Deos”. I João, 4: 2;

— “E todo o espírito que divide a Jesus não é de Deos; mas este tal é o Anti-Christo, do qual vós tendes ouvido que vem, e ele agora está já no mundo”. I João, 4: 3.

— “Porque muitos impostores se tem levantado no mundo, que não confessão que Jesus Christo veio em carne. Este tal é impostor e Anti-Christo”. 2 João, 7.

As citações acima têm perfeita concordância com Bíblias respeitáveis em outras línguas, também referidas no primeiro artigo. Assim, transcrevendo na mesma ordem, apenas os trechos dos versículos onde aparece a palavra *carne*, lemos:

— Na King James Version (de 1611): “And the Word was made flesh”; — “God was manifest in the flesh”; — “being put to death in the flesh”; — “Forasmuch then as Christ hath suffered for us

in the flesh”; — “Every spirit that confesseth that Jesus Christ is come in the flesh is of God”; — “And every spirit that confesseth not that Jesus Christ is come in the flesh is not of God”; — “...who confess not that Jesus Christ is come in the flesh”.

— A Vulgata Latina, que não havíamos citado anteriormente, porque não a possuímos, assim concorda: — “Et Verbum caro factum est et habitavit in nobis”; — quod manifestum est in carne, justificatum est in spiritu”; — “mortificatus quidem carne, vivificatus autem spiritus”; — Christo igitur passo in carne”; — “omnis spiritus qui confitetur Jesum Christum in carne venisse ex Deo est”; — “et omnes spiritus qui solvit Jesum ex Deo non est”; — “qui non confitetur Jesum Christum venisse in carnem”.

A velha Bíblia italiana de Diodati, já anteriormente referida, diz: — “E la Parola è stata fatta carne, ed è abitata fra noi”; — “è stato manifestato in carne, è stato giustificato in spirito”, — essendo mortificato in carne, ma vivificato per lo Spirito”; — “che Christo ha sofferto per noi in carne”; — “ogni spirito che confessa Gesù Cristo venuto in carne, è da Dio”; — “E ogni Spirito che non confessa Gesù Cristo venuto in carne, non è da Dio”; — “molti seduttori, i quali non confessano Gesù Cristo esser venuto in carne”.

Agora, em lingua francesa, em vez de citar a Bíblia de Segond, como havíamos feito anteriormente, transcreveremos as passagens da Bíblia da Lemaistre de Saci, de 1936, conforme o texto da edição de 1759, a mesma que foi usada por Allan Kardec. E o fazemos graças a solicitude de um amigo e confrade, que se interessou por nossos artigos. Eis as passagens, na mesma ordem: — “Et le Verbe a été fait chair, et il a habité parmi nous”; — “... qui s'est fait voir dans la chair, a été justifié par l'Esprit”; — “...étant mort en sa chair, mais étant ressuscité par l'Esprit”. — “...Jésus Christ a souffert la mort em sa chair;” — “Tout esprit qui confesse que Jésus-Christ est venu dans une chair véritable, est de Dieu;” — “et tout esprit qui divise Jésus-Christ n'est point de Dieu;” — “...qui ne confessent point que Jésus-Christ est venu dans une chair véritable”.

Não se pode desejar melhor concordância; contudo, se nos reportarmos aos textos gregos, ali encontraremos sempre a voz $\alpha\pi\epsilon$ carne. Razão pois, tinha Allan Kardec para impugnar, como impugnou, que Jesus Cristo tivesse sido um agênero. E se o leitor interessado não tiver lido nosso artigo anterior, onde fizemos transcrições da opinião do Codificador sobre a matéria, lembramos-lhe as seguintes passagens: *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, (1) páginas 18 e seguintes, onde apoia a autoridade de doutrina espirita na universalidade do ensino dos Espíritos; e *A Génesis* (2), Capítulo XIV, n.º 36 e Capítulo XV, ns.º 65 a 67, onde Kardec estuda os agêneres e o corpo de Jesus, antes e depois de sua morte, para concluir, com argumentos de ordem científica, baseado em trabalhos experimentais e, ainda, com argumentos ponderosos de ordem moral, que Jesus Cristo não foi um agênero.

O próprio Sr. Gomes Braga traduz um artigo de Allan Kardec, no qual há trechos de uma conversa do Codificador com o Espírito de São Luís, a propósito de bi-corporeidade e de agêneres. Assim, no livro que estamos discutindo, lemos, à página 43 e seguinte: “5. Raros ou não, basta que tais factos ocorram para merecerem atenção. Que sucederia se, tomando um tal ser por um homem ordinário lhe fizessem um ferimento mortal? Seria morto? — R. *Ele desapareceria súbitamente como o jovem de Londres.* (Veja-se o número de Dezembro de 1858, de *Revue Spirite*. “Fenómeno de bi-corporeidade”. Mais adiante, à página 46, temos: “14. Se tivéssemos um desses seres em nosso interior, seria isso um bem ou um mal? — R. Seria antes um mal; demais, não se podem manter longas relações com esses seres. Nunca será demais repe-

tir-vos que *esses factos são extremamente raros e nunca têm carácter de permanência*. As aparições corporais instantâneas, como as de Bayonne, são muito menos raras."

Repare o leitor que é um artigo de Allan Kardec, onde o autor reproduz um diálogo mantido com o Espírito de São Luís, que foi um dos instrutores para a obra de Codificação da doutrina.

Ora, se Kardec houvesse posto o assunto de quarentena, não teria publicado esse artigo e, quiçá, outros mais; não teria escrito as passagens citadas pouco acima, principalmente a que se acha em *A Gênesis*.

Assim, pois, a tese roustainguista está inquestionavelmente contra as afirmações do Novo Testamento e contra aquilo que, reiteradamente, sustentou Kardec. Entretanto nos ELOS DOUTRINÁRIOS diz o Sr. Gomes Braga, à página 17, que *"as três Revelações — Velho Testamento, Novo Testamento, Espiritismo — formam um todo inseparável, um conjunto único em sua essência e não se pode atacar uma parte sem abalar todo o edifício"*.

Quer isto dizer, desde que não nos afastemos da lógica e levemos em conta quanto diz

em várias passagens, entre as quais destacamos esta, que *"vários enviados (messias) desceram à Terra, procuraram dois iniciados encarnados na França, e lhes retransmitiram o Evangelho de Jesus-Christo, restabelecendo-o, explicando-o, para duas obras que se completam, porém, cada uma destinada a um público, conforme prometido para a época da vinda do Consolador:*

I — realmente as três revelações se completam e *"formam um todo inseparável e não se pode atacar uma parte sem abalar todo o edifício"*;

II — Roustaing o abalou em uma dessas partes — o Novo Testamento — aceitando comunicações de Espíritos mistificadores, que afirmaram coisas em contrário àquela parte da Bíblia; mas,

III — as coisas do Novo Testamento, no seu contexto, confirmam passagens do Velho Testamento ou, por outras palavras, este profetiza e aquele confirma a profecia; assim sendo,

IV — as alterações fundamentais, que o roustainguismo introduz no Novo Testamento, abalam infirmando, ou indirectamente alterando, o Velho Testamento;

V — a obra de Allan Kardec está em perfeita concordância com a Bíblia e, em consequência, não concorda com a de Roustaing.

Assim sendo, é Roustaing quem abala as três peças daquele monumento e, pelo visto, o Sr. Ismael Gomes Braga — e com ele os actuais dirigentes da Federação Espírita Brasileira — se acham metidos em tremenda contradição. Como o Sr. Gomes Braga não admite que se toque nesse monumento, sob pena de não ser considerado Espírita, nós agora concluimos: *os roustainguistas não são espíritas, porque não são cristãos.*

E' uma pena que tanta gente bem intencionada esteja sendo empolgada pelo brilho de lanterjoulas, por esse falso espiritismo que é o rous-tanguismo — nem cristão, nem kardecista.

Passemos à tese seguinte.

A afirmação de que “*se não fosse confirmada a natureza excepcional do corpo fluídico de Jesus pelo Espiritismo, as duas Revelações anteriores teriam que cair e o Espiritismo não subsistiria*” é de uma leviandade e de um atrevimento que custa a crer que a tivesse feito o distinto Sr. Gomes Braga.

Tanto no primeiro, como neste artigo fizemos citações relativas ao corpo de Jesus, extraídas de Bíblias autorizadíssimas. Inicialmente não não citámos a Vulgata Latina e a Bíblia francesa de Saci porque não as possuímos. Tanto que foi possível obtê-las, a elas nos reportamos. No entanto, queremos dizer aos que porventura te-

nham notado esta lacuna que as edições actuais de Vulgata Latina andam um tanto *simplificadas*, sendo aconselhável muito cuidado no seu manuseio. Baste dizer que já não trazem as edições dos últimos tempos o prefácio de São Jerônimo, onde claramente reconhece o princípio reencarnacionista, que o Vaticano condenou como heresia.

Ora todos os textos que citámos vêm de traduções directas dos originais gregos, que reputamos os melhores. Em nenhuma dessas citações há a forma condicional, há a dependência de uma confirmação posterior, em nenhuma se pede o endosso futuro da doutrina espírita para que aquelas duas Revelações tenham validade.

• • •

Agora a última tese de hoje.

Diz ela que quem nega que Jesus tenha sido um agénere nega também a codificação kardeciana, não é espírita.

Tese absolutamente falsa. A codificação espirita é dita kardeciana, porque seu coordenador foi Allan Kardec. Este não criou uma teoria: deduziu-a de milhares de mensagens, dadas a centenas de médiums, em dezenas de lugares; utilizou o material onde havia concordância; teve

médiums da estatura de um Camille Flammarion, nome que dispensa adjetivos, e que recebeu boa parte das mensagens de *A Génésis*. Nesse livro, bem como em artigos da *Revue Spirite*, combateu vivamente a tese de Roustaing, negando peremptoriamente que Jesus tenha sido um agênero. Em nenhuma das obras dos grandes vultos que colaboraram naquela primeira fase do Espiritismo encontram-se referências à tese de Roustaing; nem em Flammarion, nem em Léon Denis, nem em Gabriel Delanne. A própria Sra. Collignon, como bem o confirma o Sr. Ismael Gomes Braga, não aceitava como autênticas, como legítimas, como verdadeiras, as mensagens saídas de sua própria pena.

Em resumo, segundo o *ukase* do ilustrado Sr. Ismael Gomes Braga, nenhum desses nomes se inclui entre os espíritas; não eram espíritas — nem o próprio Allan Kardec!

Que tremenda confusão na mente dos rousistainguistas!

Bem razão tínhamos de fechar o primeiro artigo com aquela parábola do Evangelho de Lucas, Capítulo XX. Ela tem um réplica em Mateus, que diz em XXI: 43 — “que o reino de Deus vos será tirado, e será dado a uma nação que dê aos seus frutos.”

Nas sociedades espíritas esta parábola dos lavradores maus precisa ser lida todos os dias,

até que dela haja compenetração. Porque ninguém fugirá da lei; quando mais dela nos afastarmos, mais a ela nos sentiremos presos. E os rousistainguistas precisam tomar tanto para que, mais tarde, como Espíritos, não tenham que verificar, no sofrimento e demasiadamente tarde, que bem razão tinha o grande iniciado florentino quando disse:

“Nessum maggior dolore
Che ricordarsi del tempo felice
Nella miseria”.

(1) Traduzido pelo Dr. Guillon Ribeiro e publicado pela F.E.B. em 1947.

(2) Traduzida por António Lima e publicada pela F.E.B. em 1935.

(3) Estava escrito este artigo quando o Correio nos trouxe um belíssimo exemplar da Bíblia em Esperanto, com uma gentil oferta do Sr. Ismael Gomes Braga. Aqui reitero meu sincero agradecimento, ao mesmo tempo que faço um registro doloroso para o Sr. Ismael: em todas as passagens citadas, a Bíblia em Esperanto concorda com as nossas citações em português, francês, inglês, italiano, latim e grego. Já é peso!